

# A VIDA PORTUGUESA

Quinzenário de inqué-  
rito à vida nacional.

Director—JAIME CORTESÃO

Propriedade da  
RENASCENÇA PORTUGUESA

Secretário da redacção e administrador: ÁLVARO PINTO — Editor: Costa Júnior

Redacção e adm.<sup>ão</sup>, R. Sá da Bandeira, 363-2.º — Tip. Costa Carregal, tr. P. Manuel. — Assinatura, 10 n.ºs 200 réis. (Brasil — 1\$000 rs. fr.)

## O ELOGIO MÚTUO

Uma das graves faltas de que a *Renascença Portuguesa* tem sido acusada por uma espécie de gente, que alcança toda a sua reputação desfazendo na alheia, é a do *elogio mútuo*. Por esse termo deve entender-se, em nossa opinião, a simpatia espiritual, a intercompreensão mais viva em criaturas ligadas por um mesmo conjunto de ideias e muito designadamente pela mesma alta finalidade. Trata-se duma confusão de más intenções. E' certo também que os detractores de officio mais gostariam de nos ver inimizados, divididos em agressivos bandos, para mais glória de sua crítica calabresca.

Ora succede que um dos nossos amigos, divergindo ha muito duma parte da nossa obra, nos vem atacar em artigo dirigido para *A Vida Portuguesa*. António Sergio acusa-nos também de... elogio mútuo. Não tem este illustre-escritor nada que vêr com aqueles pseudo-críticos de quem ha pouco falávamos. O espirito de António Sérgio, tão claro e penetrante por vezes, está actualmentem turbado por uma terrível doença—um pessimismo de origem afectica. Só assim se explicam certos exageros de apreciação e a negra côr com que tudo vê através dos seus óculos escuros de erudito e pessimista.

Algumas das suas afirmações serão aqui mesmo discutidas noutra ocasião. Por agora notaremos que o próprio sr. António Sérgio se encarrega de dar o desmentido a uma das suas acusações. Quem lêr o artigo de António Sérgio, duma crítica tão pouco lisongeira, convencer-se-ha de que se não trata ali de... elogio mútuo e ha de ver também que esse nosso terrível defeito é compatível com a publicação das mais amargas e agrestes referências á nossa obra, no mesmo logar em que a defendemos.

## Golpes de malho em ferro frio

Aos portugueses de 16 anos que não  
ambicionam sêr poetas líricos

Sê empreendedor e independente; trabalha para ti e para os teus; serve a comunidade sempre que possas, mas não cuides jamais em ser servido por ela.

Ha duas maneiras de servires os teus interesses: uma delas lançando mão dos teus proprios instrumentos, da tua cabeça e do teu braço; a outra é recorrendo aos órgãos da comunidade—governos, parlamentos, homens de influencia, etc. A primeira, só, é legitima, e produz as belas nações, sadias e virtuosas; a segunda é ilegítima, e faz os povos fracos e sem virtude.

«Sê empreendedor e independente, trabalha para ti e para os teus,» comecei eu por te dizer. O grande pecado português foi violar esse mandamento.

Mas isto leva-me a filosofar sobre a historia da nossa «Raça».

Anthero de Quental, na conferencia sobre as *causas da decadencia dos povos peninsulares* apontou entre as suas tres causas a que me parece fundamental: a Conquista; mas deu-a, infelizmente, em terceiro logar, e como consequencia das outras duas (a transformação do catolicismo pelo concilio de Trento e o estabelecimento do absolutismo, com a ruina das liberdades locais e a ausencia da classe media). Sempre admiravel quando descreve, Oliveira Martins entretece não raro explicações obscuras, já pelos arrastres sentimentais do seu patriotismo iberico, já pelo horrôr saudavel ás doutri-

nações simplistas. Na *Historia de Portugal* de tal maneira gravou o quadro que a conclusão (1) natural se impõe a todo o espirito ingenho, alheio a metafisicas poetizantes; mas as explicações da *Civilização iberica* em vez de o aclarar enredam o problema. Foi o economista muito mais poetizante e menos economista do que o poeta, o que era inevitavel dada a sua attitude apologetica para com as nações ibericas, em prejuizo das protestantes.

Oliveira Martins, portanto, recusando a ideia mãe de Antero, opina «que as causas da decadencia da peninsula não são uns certos e determinados factos perversos, que devam contrapor-se ás causas da sua anterior prosperidade e gloria,»—e nisto, até certo ponto, pode ser que tenha razão, conforme aquilo a que chamarmos «prosperidades e gloria». Mas já decerto a não tem quando afirma a existencia necessaria desse facto para todos os povos e individuos: «as causas iniciais da vida e da morte são as mesmas...; a decadencia das nações e a morte dos individuos são condições, necessarias ambas, da sua grandeza e da sua existencia...»

Como questão de direito, em primeiro logar, não sabemos se as causas iniciais da vida e da morte são as mesmas, nem o que seja a morte *necessaria* dos organismos

(1) Ha mais de 15 anos, era eu colegial, a leitura da *Historia* de Martins me sugeriu as conclusões que vão ler-se; só mais tarde vim a ver que o que eu tirara da minha leitura não era a doutrina do autor.